

A VIDA POR UM FIO NUM PLANETA FORA DE EIXO

Helena Daltro Pontual

Os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas [...] Pelo contrário, são criaturas cujos dotes instintivos têm uma poderosa quota de agressividade [...] Essa cruel agressividade espera por alguma provocação ou se coloca a serviço de algum outro intuito, cujo objetivo também poderia ter sido alcançado por medidas mais brandas [...] Quando as forças mentais que inibem essa agressividade estão fora de ação, esta também se manifesta espontaneamente e revela o homem como uma besta selvagem, a quem a consideração para com sua própria espécie é algo estranho.

S. Freud¹

Estamos sós diante do medo da morte nestes tempos conturbados. Sim, estamos sós, porque, como já disseram alguns, a gente nasce e morre só, e talvez por isso mesmo é que se precisa tanto de viver acompanhado. Para o filósofo alemão Martin Heidegger, a solidão é o estado inato do ser humano e cada pessoa está por si só no mundo. Assim, cada indivíduo nasce sozinho, morre na mesma condição e vive suas experiências pessoais também desta forma, por mais que esteja sempre cercado de outras pessoas, pois ninguém pode vivenciar sua dor e seu aprendizado, e cabe a cada um enfrentar sua própria travessia.

Estamos sós diante da nossa morte, da morte de amigos e parentes, da morte do planeta, do fim do que hoje chamamos civilização – o fim da vida na terra. Podemos não morrer agora, nossos amigos e parentes também não, e a guerra mundial talvez não aconteça em grande escala a ponto de destruir o planeta, pelo menos nesse momento. Mas estamos convivendo com ações e fatos mortíferos de grande intensidade nos últimos tempos.

A partir de 2020 fomos bombardeados diariamente pelos fatos noticiados sobre a devastação que causou a pandemia, as perdas e os lutos vividos, os perigos de novas variantes do vírus mortal, a vinda de outras pandemias igualmente mortíferas e a tragédia das mudanças climáticas que nos ameaçam com recados tenebrosos da natureza, estas tendo começado há mais tempo. Em sequência, quase sem dar tempo de respirar, voltamos nossos olhos e pensamentos para a guerra do leste europeu e suas sinistras consequências. Novamente sozinhos, tememos uma guerra nuclear e o fim de nossa civilização. Temos medo, muito medo, por nós, nossos filhos e netos, pela vida que se pode esvaír das nossas mãos. Freud² bem o disse: “A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; nos proporciona muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis”.

Como apontou Poian³, mais do que angústia, vivemos hoje uma agonia de um tempo de desordem e de desmoronamento psíquico. Tempo de agonia, no sentido winnicottiano. Hoje, em nossa clínica, atesta a autora, o que

está em jogo, mais do que a existência, é a sobrevivência do Eu. Não apenas a sobrevivência material, mas a ameaça constante de desintegração interna, o que se traduz em angústias, depressões difusas, somatizações e estados de dissociações cada vez maiores. A pandemia e o isolamento, as crises econômicas, políticas e institucionais, as ameaças climáticas e, agora, mais uma guerra, vêm coroar nossas angústias impensáveis.

Pulsão de morte e sua função

Green⁴ destaca que o objeto é o revelador das pulsões. Este não as cria, mas pode-se dizer que é criado por elas, pelo menos em parte. Essa é a condição para que as pulsões tenham existência. Ao citar o conceito formulado por Freud, Green destaca que sua ideia é a de que a pulsão de vida e a pulsão de morte têm como características a ligação e o desligamento, respectivamente – uma ideia correta, mas, segundo Green, insuficiente. Para Green, a pulsão de vida pode muito bem admitir nela a coexistência desses dois mecanismos de ligação e desligamento, da mesma maneira que pode absorver nela uma parte da pulsão de morte, e, dessa forma, vir a transformá-la. Ao contrário, a pulsão de morte comporta apenas o desligamento. O objetivo essencial das pulsões de vida, portanto, é assegurar uma função objetivante. Melhor dizendo: seu papel não é somente criar uma relação com o objeto (interno e externo), mas também poder ser capaz de transformar estruturas em objeto, mesmo quando o objeto não está diretamente em questão.

Inversamente, o objetivo da pulsão de morte é realizar, tanto quanto possível, uma função desobjetivante pelo desligamento. Com isso, não é somente a relação com o objeto que é atacada, mas também todos os seus substitutos, como o próprio Eu. A manifestação própria à destrutividade da pulsão de morte é, portanto, o desinvestimento. Suas reflexões sobre Eros e a pulsão de destruição levaram Green a sustentar a hipótese de um narcisismo negativo como aspiração ao nível zero. O autor aponta que a função desobjetivante é dominante nos quadros clínicos

da melancolia, formas de psicose crônica, anorexia mental e diversas expressões da patologia somática do bebê.

Aisenstein e Smadja⁵ observam que Green muito contribuiu para a teoria psicossomática, aproximando seu trabalho do de Pierre Marty, que reconheceu, ele próprio, um parentesco de sua concepção com o movimento mortífero de ordem psíquica e depois somática, expresso na função desobjetivante da pulsão de morte.

As guerras e ódios entre países, etnias e grupos sociais são questões recorrentes. As doenças que acometem a humanidade também, bem como as mudanças bruscas no planeta. O homem está sempre cometendo os mesmos erros quando se trata de guerras, ódio, inveja e luta pelo poder. Estamos no meio desta confusão, e é difícil, nesse momento, nos colocarmos à distância para poder melhor observar nosso presente e futuro. Mas podemos pensar na pulsão de morte nos desligando de nossos vínculos com a mãe natureza, na desobjetivação que nos provoca sofrimento físico e psíquico.

A compulsão à repetição desprazerosa do ser humano na vida pessoal e na sociedade, que age de forma destrutiva com ele próprio, com a espécie e com a natureza, nos coloca diante de diversos problemas, como guerras, poluição, efeito estufa e, por que não dizer, falta de políticas públicas e saneamentos básicos – o desprezo pelo próximo como regra. Estamos perplexos diante da ação de Tântalos contra Eros e de questões tão catastróficas. Silvana Rea⁶ define bem os tempos em que vivemos: Tempos de agonia de Eros, erodido pela desmentida e pela alucinação negativa, que transforma a violência, com variadas manifestações e intensidades, em sintoma social.

A vida é difícil de suportar tanto para a humanidade em geral como para o indivíduo. Em *O Futuro de uma ilusão*⁷, Freud diz que nossa civilização nos impõe certa quantidade de privação e renúncia e que sofreremos também por obra de outros que pertencem a essa mesma civilização tão imperfeita. O indivíduo reage a esses sofrimentos, desenvolve um grau correspondente de resistência. “Mas como se defende ele contra os poderes



superiores da natureza, do destino, que o ameaçam da mesma forma que a tudo mais”, questiona⁸.

Nesse contexto, nossa autoestima segue ameaçada e exige consolação; a vida e o universo devem ser despidos de seus terrores, diz Freud, completando que nossa curiosidade é movida também pelo mais forte interesse prático e, por isso, pede uma resposta. A ciência está aí para nos provar esse procedimento, com os avanços da medicina, da física e da biologia e a criação de vacinas contra doenças diversas. Nesse quesito, a pandemia da Covid-19, causada pelo SARS-CoV-2, exigiu uma resposta muito rápida dos cientistas.

Narcisismo maligno

Quando penso na ação destrutiva de uns contra os outros nessa civilização imperfeita me vem à cabeça os chamados psicopatas, sociopatas ou antissociais. Os nomes vão de

acordo com o gosto do freguês. E sempre haverá um deles cuja infância foi negligenciada, pobre e infeliz (ou nem tanto), muitas vezes violenta, que conseguirá por sua persistência, meios ardilosos e, muitas vezes, inteligência, chegar ao poder de um Estado, uma Nação. Um líder, enfim, que conseguirá arrebatar multidões e capturar mentes, que se colocam ao seu inteiro dispor. Esse personagem da pulsão de morte nos é familiar na história da humanidade. E a cada vez que um deles surge e se destaca na política, nas relações internacionais e no poderio bélico e econômico nos deparamos com o fantasma da destruição, do fim da vida e do que conhecemos como civilização.

São indivíduos sem compaixão, arrependimento e, muitas vezes, brutais em seus atos, que formam um núcleo de inimigos da sociedade – os antissociais. Schneider⁹ diz que essas pessoas têm anestesia moral, pois conhecem muito bem as leis, mas subordinam a elas sua conduta. São aquelas perso-

nalidades que sofrem de sua anormalidade e/ou fazem a sociedade sofrer sob ela. Tais pessoas têm um padrão de comportamento que repetidamente entram em conflitos com a sociedade, e a primeira indicação da possível existência dessa perturbação é a presença de um transtorno narcisista de personalidade, denominado por Kernberg¹⁰ de síndrome do narcisismo maligno.

Existem muitas especulações neurofisiológicas, psicológicas e sociais sobre esse tipo de comportamento. Mas não vamos nos deter sobre possíveis causas dessa patologia. O que sabemos é que ambientes violentos, não acolhedores e não suficientemente bons podem detonar transtornos diversos, incluindo o comportamento antissocial, principalmente quando o sujeito é “ajudado” pela genética.

A psicanalista berlinesa Johanna Karin Zienert-Eilts¹¹, citada por Silvana Rea, chama esse fenômeno na política de “populismo destrutivo”, cujo objetivo é gerar medo e estabelecer uma polarização por meio de afetos muito primitivos que são alimentados pela onipotência narcísica. Sinaliza um tipo de organização social sustentada pela “perversão do continente”, em que, no lugar da função de conter, acolher e metabolizar os impulsos destrutivos, há uma máquina de destruir. Um dos meios para criar essa máquina de destruição é a pós verdade e as *fake news*, substituindo a realidade histórica e social por uma pseudorrealidade. Aqui temos, segundo Christopher Bollas¹², os elementos para um processo social psicótico e sociopático, que simultaneamente estimula e é resultado de um tipo de mente psicótica e sociopata.

O medo, segundo Rea, alimenta o ódio e vice-versa. Mas o medo, que está no registro da falta de proteção, se torna mercadoria política, moeda valiosa. Ela cita Bauman & Donkis¹³ para concluir que o sentimento de vulnerabilidade narcísica e desamparo formam o alicerce de todo poder político. Com um clima de incertezas e de suspeitas, produz-se uma obsessão pela segurança e um estado social em que o mal não está restrito às guerras ou a situações extremas: ele se revela também na insensibilidade diária diante do sofrimento do outro, na incapacidade de

reagir, na recusa de compreendê-lo. Então, também no registro da pulsão de morte, o ódio se manifesta pela indiferença e a diferença suscita indiferença.

Cassorla¹⁴ nos diz que mentiras perversas podem ser usadas para dominar pessoas e grupos humanos e que sofisticados sistemas de propaganda convencem as pessoas de “verdades” que interessam ao grupo dominador. As vítimas ficam inseguras e confusas em relação ao que é verdadeiro. E a destruição do conhecimento facilita a conquista de algum tipo de poder que “salvará” as pessoas da insegurança. Tais mentiras e falsidades se articulam com o negacionismo – fato social que se tem tornado evidente nos últimos tempos – e pode ser acompanhado do fanatismo. Cassorla acrescenta que há estreita relação entre o desamparo e a necessidade de idealização e que fanatismos e negacionismos se tornam mais evidentes em fases de intensas mudanças sentidas como traumáticas, tanto nos indivíduos como nos grupos sociais. “É possível que a pleora de fanatismos e negacionismos atuais seja influenciada pela dificuldade dos seres humanos de conviver em sistemas democráticos”, diz Cassorla.

Estamos vendo tudo isso de perto, vivemos esse momento traumático, estamos enrolados e enroladas no furacão da história. Voltando aos chamados psicopatas, sociopatas e antisociais, o que os sustenta é exatamente o fato de pessoas se deixarem enganar e influenciar porque querem acreditar em algo, não importa o quê. Promessas vãs e mentiras soam como música para ouvidos de sujeitos desamparados, com pouca capacidade simbólica, que também podem apresentar falhas precoces em seu desenvolvimento e buscar objetos idealizados.

Nosso maior desafio, escreve Cassorla, é criar formas para que as descobertas da psicanálise possam beneficiar a sociedade. O maior perigo, acrescenta, é fazer vista grossa para fanáticos e negacionistas, imaginando que são apenas estúpidos e que não causarão problemas, pois a história nos mostra como eles ampliam seu poder constantemente até que, em algum momento, a desumanização se torne regra, envolvendo violência e eliminação dos adversários.

E quanto a nós psicanalistas? Como abordar a nós mesmos? Como olhar de frente o sofrimento, sentir o desamparo e enfrentar fatos tão traumáticos? Embora sozinhos em nossa travessia individual e peculiar, precisamos, como todos, de família, amigos, pessoas queridas e empatia. Empatia a ponto de conviver com o diferente, preservando o humano que nos habita. Nosso trabalho individual e conjunto também nos traz sentido à vida. Precisamos enfrentar nosso próprio negacionismo e derrubar muros que nos distanciam do outro; preservar a ligação com nossos objetos, o que nos exige também um trabalho psíquico intenso para não adoeceremos do corpo e da alma. Enfim, a inquietude pode nos permitir nossa reinvenção, nossa criação e ousadia interna e externa, dentro e fora dos consultórios.

Parte do poema *Too scanty 'twas to die for you*, de Emily Dickinson (tradução minha), mostra, a meu ver, como vivenciamos nossos lutos, dores e perdas:

The Dying, is a trifle, past,
Morrer é nada, passado

But living, this include
Mas viver, isso inclui

The dying multifold – without
A morte múltipla –

The Respite to be dead.
Sem o alívio de estar morta(o).

Referências

- ¹ Freud, Sigmund. *O Mal-estar na civilização* (1930 [1929]). Edição Standard brasileira, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 133.
- ² *Ibidem*, p. 93
- ³ Poian, Carmen. *Formas do vazio – Desafios ao sujeito contemporâneo*. São Paulo: Via Lettera Editora, 2001.
- ⁴ Green, André. *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- ⁵ Aisenstein, Marília; Smadja, Claude. A função desobjetalizante na obra de André Green: um modelo para a psicossomática. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, vol. XX, abril, 2013.
- ⁶ Rea, Silvana. Ideias para pensar o século XXI. *Jornal de Psicanálise*, vol. 54. n. 101, julho a dezembro de 2021.

⁷ Freud, Sigmund. *O Futuro de uma ilusão* (1927). Edição Standard brasileira, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

⁸ *Ibidem*, p. 27.

⁹ Schneider, Kurt. *Las personalidades psicopáticas*. Madrid: Ediciones Morata, 1980.

¹⁰ Kernberg, Otto. *Agressão nos transtornos de personalidade e nas perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

¹¹ Zienert-Eilts, Karin Johanna. (2020). Destructive populism as “perverted containing”: a psychoanalytical look at the attraction of Donald Trump. *The International Journal of Psychoanalysis*, 101 (5), 2020. p. 971-991.

¹² *Civilization and the discontented*. Webinar promovido pela Community West Treatment. Citado por Silvana Rea em *Ideias para pensar o século XXI*, 2021.

¹³ Bauman, Zigmunt & Donskis, Leonidas. *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

¹⁴ Cassorla, Roosevelt. Arrancando os olhos. *Jornal de Psicanálise*, vol. 54. n. 101, julho a dezembro de 2021.



Helena Daltro Pontual é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.